



PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO CORRENTE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
E.M.E.B. "JORNALISTA GRANDUQUE JOSÉ"

Rua Marechal Deodoro, 815 – Bairro Centro – Ribeirão Corrente - SP. CEP: 14445-000 - Fone: (16) 3749.1017
Ato de Criação: Lei Municipal Nº 986, de 20 de março de 2008
Email - granduquejose@educacao.sp.gov.br

ESTUDO EM CASA – DISTANCIAMENTO SOCIAL – COVID 19
ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA – 9 ANO A e B – 5 AULAS
9ª SEMANA: DE 01/06/2020 a 05/06/2020
PROFª. Isabel Delgado e Helena Maria Lourenço

- **Olá, alunos, essa semana retornamos aos nossos estudos!**
- **Daremos continuidade aos nossos estudos sobre o gênero textual romance. Leiam com atenção o texto a seguir e respondam os exercícios.**
- **Se puder imprimir, é só responder e colar no caderno. Se não puder, copie os exercícios no caderno e responda.**

Bons estudos!

PRÁTICA DE LEITURA

O carteiro e o poeta

- Dom Pablo?...

- Você fica aí parado como um poste.

Mário retorceu o pescoço e procurou os olhos do poeta, indo de baixo para cima.

- Cravado como uma lança?

- Não, quieto como uma torre de xadrez.

- Mais tranqüilo que um gato de porcelana?

Neruda soltou o trinco do portão e acariciou o queixo.

- Mário Jiménez, afora os *Odes elementares*, tenho livros muito melhores. É indigno que você fique me submetendo a todo tipo de comparações e metáforas.

- Como é, Dom Pablo?

- Metáforas, homem!

- Que são essas coisas?

O poeta colocou a mão sobre o ombro do rapaz.

Para esclarecer mais ou menos de forma imprecisa, são modos de dizer uma coisa comparando com outra.

- Dê-me um exemplo...

Neruda olhou o relógio e suspirou.

- Bem, quando você diz que o céu está chorando. O que você quer dizer com isso?

- Ora, fácil! Que está chovendo, ué!

- Bem, isso é uma metáfora.

E por que se chama tão complicado, se é uma coisa tão fácil?

- Porque os nomes não têm nada a ver com a simplicidade ou complexidade das coisas.

Pela sua teoria, uma coisa pequena que voa não deveria ter um nome tão grande como mariposa. Elefante tem a mesma quantidade de letras que mariposa, é muito maior e não voa

– concluiu Neruda, exausto. Com um resto de ânimo indicou ao solícito Mário o rumo da enseada. Mas o carteiro teve a presença de espírito de dizer:

- Puxa, eu bem que gostaria de ser poeta!

- Rapaz! Todos são poetas no Chile. É mais original que você continue sendo carteiro. Pelo menos caminha muito e não engorda. Todos os poetas aqui no Chile são gorduchos. Neruda retomou o trinco do portão e se dispunha a entrar quando Mário, olhando o voo de um pássaro invisível, disse:

- É que se eu fosse poeta poderia dizer o que quero.

- E o que você quer dizer?

- Bom, o problema é justamente esse. Como não sou poeta, não posso dizer.

[...]

Neruda apertou os dedos no cotovelo do carteiro e o foi conduzindo até o poste onde havia estacionado a bicicleta.

- [...] Agora vá para a enseada pela praia e, enquanto você observa o movimento do mar, pode ir inventando metáforas.

- Dê-me um exemplo!...

- Olhe este poema: “Aqui na Ilha, o mar, e quanto mar. Sai de si mesmo a cada momento. Diz que sim, que não, que não. Diz que sim, em azul, em espuma, em galope. Diz que não, que não. Não pode sossegar. Chamo-me mar, repete, atirando-se contra uma pedra, sem convencê-la. E, então, com sete línguas verdes, de sete tigres verdes, de sete cães verdes, de sete mares verdes, percorre-a, beija-a, umedece-a e golpeia o peito, repetindo seu nome”.

Fez uma pausa satisfeita.

- O que você acha?

- Estranho.

- “Estranho”. Mas que crítico mais severo!

- Não, Dom Pablo. Estranho não é o poema. Estranho é como eu me sentia quando o senhor recitava o poema.

- Querido Mário, vamos ver se você desenreda um pouco, porque eu não posso passar toda a manhã desfrutando o papo.

- Como se explica? Quando o senhor dizia o poema, as palavras iam daqui para ali.

- Como o mar, ora!

- Pois é, moviam-se exatamente como o mar.

- Isso é ritmo.

- Eu me senti estranho, porque com tanto movimento fiquei enjoado.

- Você ficou enjoado...

- Claro! Eu ia como um barco tremendo em suas palavras.

As pálpebras do poeta se despregaram lentamente.

- “Como um barco tremendo em minhas palavras.”

- Claro!

- Sabe o que você fez, Mário?

- O quê?

- Uma metáfora.

- Mas não vale porque saiu só por puro acaso.

- Não há imagem que não seja casual, filho.

SKÁRMETA, Antonio. *O carteiro e o poeta*. Rio de Janeiro:

Record, 1996.

POR DENTRO DO TEXTO

1. O texto se desenrola quase integralmente em forma de diálogo entre os personagens, o carteiro e o poeta, mas, ainda assim, há trechos que possibilitam perceber a presença do narrador. Qual o foco narrativo em que foi escrito? Dê um exemplo

2. Em que espaço se passa esse trecho da narrativa? Transcreva um trecho do texto que comprove sua resposta.

3. Normalmente, o discurso direto, que reproduz na escrita um diálogo, é introduzido por verbos de elocução, como falar, dizer, comentar, perguntar, responder, observar, exclamar, gritar, aconselhar etc. Mesmo não usando esses verbos, como é possível notar a presença do discurso direto no texto?

4. No texto, qual definição o poeta dá para a palavra “metáforas”?

5. Diante da estranheza do carteiro ao dizer que a palavra era complicada, embora se referissem a uma coisa tão fácil, Dom Pablo responde-lhe que *os nomes não têm nada a ver com a simplicidade ou complexidade das coisas*. O que o poeta pretende mostrar ao carteiro com essa afirmação?

6. Por que o poeta responde ao carteiro, no final do texto, que não há imagem que não seja casual?
